

Porto Velho, dom e seg. 24 e 25 de janeiro de 1988

O EST

# Índios protestam contra hidrelétrica de Ji-Paraná

A Usina Hidrelétrica de Samuel, UHE, Samuel, recebeu anteontem uma visita insólita: um grupo de 75 guerreiros das nações indígenas Gavião, Arara e Zoró, pintados e ornamentados para a guerra, cantando "Somos guerreiros, matadores de gente", protestavam contra a construção da UHE Ji-Paraná-14, JP-14, que inundará parte das Reservas Indígenas de Lourdes e Tenharim. A visita foi organizada pelo Consórcio Nacional de Engenheiros Construtores, CNEC, que atualmente faz os estudos finais sobre a viabilidade da construção da hidrelétrica de Ji-Paraná.

A UHE Samuel terá uma potência instalada de 216 mil KW e começará a gerar a partir de abril de 1989. O lago a ser formado por esta hidrelétrica alagará uma área de 60 mil hectares ou 600 quilômetros quadrados.

Se realizada, a UHE Ji-Paraná-14, vai inundar uma área de 957 quilômetros quadrados (ou 95 mil e 700 hectares) e custará ao Brasil 684 milhões de dólares, (no momento 55,5 bilhões de cruzados). O potencial instalável será de 520 MW mas fornecerá uma energia firme, durante todo ano, de aproximadamente 240 TWh. Existe também a possibilidade de se instalar ainda mais uma hidrelétrica no rio Machado, a UHE Ji-Paraná-4, que, se efetivada, inundará o distrito de Tabajará. A JP-4, terá um potencial maior que a JP-14: 765 MW e é economicamente mais vantajosa.

A visita dos índios à UHE de Samuel foi requisitada pelos líderes dos três grupos que, segundo o líder Gavião conhecido como Catarino, queriam conhecer as instalações de uma hidrelétrica ante a iminência de um alagamento em suas terras. "Queremos ver com nossos próprios olhos", disse. Catarino é também chefe do Posto Indígena Icolen, no Parque Indígena Lourdes, município de Ji-Paraná. A comitiva de guerreiros foi acompanhada por uma socióloga e dois antropólogos, funcionários do CNEC. A visita começou oficialmente às 11 horas, com a recepção na portaria da hidrelétrica por cinco engenheiros da obra. Os índios e o comitê de recepção seguiram de ônibus pela área parando no Heliporto ao lado do mirante onde será construído um pequeno hotel, seguindo depois para enseadeira da jusante, para a margem direita da barragem de terra e para a enseadeira de montante. Na saída da casa de força (casa de montagem), os índios cantaram, dançaram e ecoaram seus gritos de guerra que, explicou Catarino, significam uma "advertência aos brancos para que não se atrevam a construir hidrelétricas em nossas terras porque vai haver guerra e morte". "Somos guerreiros, matadores de gente", repetiam os índios amados.

Da casa de montagem seguiram à Central Termo Elétrica, CTE, onde se faz a picagem da madeira. Lá, os índios puderam ver uma picadeira Pallman transformar em cacos uma tora de três centímetros cúbicos, em apenas sete segundos. Essa picadeira transforma em cacos 400 toneladas de madeira por dia e gera 8,5 MW de energia elétrica, dos quais dois a três MW vão para Porto Velho. Da CTE foram ver um filme, feito pela Eletronorte, sobre a Operação Curupira, na UEH de Tucuruí. O filme mostra a operação de salvamento dos animais que não conseguiram fugir ao "dilúvio" provocado pela subida das águas que formaram o lago. Daí, a comitiva foi almoçar e regressou a Ji-Paraná de onde sairá amanhã, para o acampamento do CNEC, local onde se estuda a viabilidade da UHE de Ji-Paraná-14.

## AS DISCUSSÕES INTERNACIONAIS

Comentando sobre a hidrelétrica de Ji-Paraná e a de Samuel, o então presidente do Banco Mundial, Bird, A. W. Clausen, numa carta de 26 de junho de 1986 a Bruce Rich,

do Environmental Defense Fund, dizia que a barragem de Samuel deve ser completada em 1987/88 e não tem impacto direto sobre áreas indígenas, por isso não existe programa de reassentamento associado a esta barragem. Deixe-me acrescentar que tem um outro projeto em Rondônia, a barragem de Ji-Paraná, que tem algum efeito, potencialmente pequeno sobre povos indígenas e meio ambiente. Já foram feitos estudos sobre esses efeitos e os resultados estão refletidos no plano da barragem". Em 10 de dezembro de 1986, pouco depois de ser liberada a primeira parcela de um empréstimo de 500 milhões de dólares para o setor elétrico do Brasil, um grupo de ecologistas internacionais, entre eles Bruce Rich, escreveu ao presidente do Banco Mundial: "nós estamos muito preocupados com as consequências sócio-ambientais e sócio-culturais das barragens de Ji-Paraná. Os possíveis impactos deste projeto sobre vizinhas áreas indígenas e áreas florestais protegidas serão substancialmente maiores que os efeitos potenciais referidos na carta de Mr. Clausen. Recebemos informações de que este projeto vai inundar ou afetar adversamente porções de duas reservas indígenas que o Banco Mundial previamente insistiu para serem protegidas pelo Programa Especial de Proteção dos Povos Indígenas, do Programa Polonoroeste. "A carta acusava ainda que a UHE de Ji-Paraná vai inundar a Reserva Biológica de Jaru e afirmava estarem os ecologistas "perplexos e embaraçados" com o fato de o Banco Mundial financiar um projeto que terá impacto negativo sobre as reservas indígenas e ambientais que, contraditoriamente, insistiu em preservar.

O diretor executivo do Bird pelos Estados Unidos (que detém 20 por cento dos votos), Hugh W. Foster, declarou em junho de 1986, numa discussão sobre empréstimos para o setor elétrico do Brasil, que o Bird está sendo envolvido no planejamento regional de Rondônia por, no mínimo, seis anos. Poderia se esperar então que planejamentos de proteção aos grupos indígenas neste Estado fossem beneficiados pelo uso da política sobre povos indígenas do Banco Mundial e se valessem da experiência infeliz do Polonoroeste. Nós, ao contrário, encontramos uma proposta que inclui o financiamento da barragem de Ji-Paraná em Rondônia onde virtualmente nenhum planejamento é dirigido às necessidades de populações indígenas ou às necessidades de proteção ao meio ambiente. Mais ainda, a barragem vai inundar uma parcela de área indígena que financiamentos anteriores do banco ajudaram a estabelecer. Isso é pura loucura", finaliza Foster.

De 1951 até agora o Bird emprestou 3,1 bilhões de dólares para o setor elétrico brasileiro.

Um estudo feito pelo reitor da Universidade de São Paulo, USP, José Goldenberg, para o World Resources Institute, concluiu que para se ter o nível de vida desfrutado pela população da Europa Ocidental é necessário apenas 1 KW por pessoa, desde que se use tecnologia eficientes no setor. Neste estudo, Goldenberg afirma que se o Brasil investisse 4 bilhões de dólares em refrigeradores, iluminação pública e motores não precisaria instalar mais 21 mil MW, como está previsto no Plano de Recuperação do Setor Elétrico. Assim, continua, economizaria no mínimo 15 bilhões de dólares.

Todos sabemos que Rondônia precisa de energia elétrica mas a discussão sobre as consequências da instalação de grandes hidrelétricas para grupos indígenas e outros seres vivos (animais e plantas) precisam ser levada a todos. Precisamos saber claramente também as consequências ambientais de grandes barragens (possíveis desequilíbrios ecológicos) para que o conhecimento não fique detido atrás das portas dos gabinetes governamentais ou das entidades financiadoras.

96 (cont.)

# Índios bradam contra construção de Usina

Um grupo composto por 75 guerreiros indígenas das nações Gavião, Arara e Zoró, anteontem, visitou a Usina Hidrelétrica de Samuel, criando um clima até certo ponto pitoresco. Pintados e ornamentados para a guerra, os guerreiros cantavam "somos guerreiros, matadores de gente", em protesto contra a construção da Usina Hidrelétrica de Ji-Paraná - 14, que inundará parte das Reservas Indígenas de Lourdes e Tenharim. Organizada pelo Consórcio Nacional dos Engenheiros Construtores (CNEC), a visita foi requisitada pelos líderes dos três grupos indígenas, que queriam conhecer as instalações de uma hidrelétrica ante a eminência de um alagamento em suas terras. (PÁGINA 7).



Protesto dos Gavião, Arara e Zoró contra a construção da hidrelétrica de Ji-Paraná.